

3 + 1

Na Roda

Gabriela Machado

01.07.22 – 10.09.22

Inauguração | *Opening* 18h – 21h, 01.07.22

“Não dá pra fugir dessa coisa de pele
Sentida por nós, desatando os nós” - Jorge Aragão*1

Essa coisa da pele, do corpo

Do círculo desenhado pela roda crescem intensidades ao som dos ritmos que se propagam pelo ar e pelas avenidas largas. Lá, a voz grave dos tantãs dança com os repiques, logo após o surdo lançar a sina do acontecimento, escrevendo a primeira batida que dá forma à linha sacudida onde mais tarde o cavaquinho pode vir pousar. Tilintando na mão, os soalhos do pandeiro saltam e espalham ecos que chegam às ruas silenciosas, talvez adormecidas. Todo o mundo sai à rua e a roda começa a formar-se. Crescendo, ela vai morar no rosto dos que criam outras rodas, alimentados, de corpo inteiro, pela batida que começa por tocar na pele, para depois se instalar dentro dela.

Gabriela Machado possui um corpo de trabalho que nasce do trânsito do mundo, um lugar *contaminada*. Em *Na Roda*, a atmosfera das rodas de samba é trazida para o outro lado do mar alinhando com o carácter *mutável* que os trabalhos na exposição apresentam. É a música que se entrecruza com o olhar e os corpos, figuras elétricas que se agitam no cenário brilhante que pinta as ruas do Rio de Janeiro no Carnaval. Aqui experimentamos trabalhos *movediços* – como o tempo; ou como o brilho da purpurina, que ao cair se desenrola numa multiplicidade de luzes, várias vidas, até que o seu voo poussa, por fim, na rua. Na pele.

A pintura de Gabriela Machado é feita de momentos e de movimentos. Gestos que são uma vida feita à força da passagem de imagens a formas, zonas de cor que se intensificam diante do corpo, diante do olho. A contaminação que qualifica o trabalho de Gabriela Machado parte desse trânsito – a pincelada convive com o instante e o carácter multiplicado do real. Parece tratar-se de uma pintura que encontra a zona que aproxima o corpo e o mundo, oferecendo esse encontro aos sentidos da artista e àqueles que convivem com o seu trabalho.

Falamos de uma pintura *dos, e para*, os sentidos, onde a *vivência*, do mundo e do atelier, não se desliga do corpo, aquele do qual não nos podemos demitir - tal como a pele -, como canta Jorge Aragão. Trata-se de uma pintura *em acção*, uma pintura viva que convoca os debates em torno da *action painting*, recordando o texto*2 de Harold Rosenberg de 1952, mas também o contributo da

galéria@3m1arte.com
www.3m1arte.com

“There is no point in running from that skin-thing
felt by us, that unties the knots” - Jorge Aragão*1

That thing of the skin, of the body

From the ring drawn by the circle intensities grow to the sound of the rhythms that multiply through the air and the wide avenues. It's there that the deep voice of the *tantãs* drums is dancing with the *repiques*, straight after the *surdo* drum launched the fate of the event, writing the first beat that shapes the jolted line where later the *brasillian cavaquinho* might rest. Tinkling on the hand, the zills of the tambourine shake and spread the echoes that reach the silent streets, maybe dormant. Everyone goes out into the street and the circle starts to form. Growing, it will live in the faces of the ones that create other circles, the whole body feed by the beat that starts to touch the skin, to then set itself inside it.

Gabriela Machado's body of work is born from the transit of the world, a contaminated place. In *Na Roda* [In the Circle], the atmosphere of the samba circles is brought across the sea and lines up with the *mutable* character that the works in the exhibition present. The music meets the gaze and the bodies, electric figures that are agitated in the shiny set that paints the streets of Rio de Janeiro at Carnival. It's at this point that we try shifting jobs – with time; or with the shine of the glitter, that when it falls, it unveils a plurality of lights, of several lives, until its flight rests, at last, on the street. On the skin.

Gabriela Machado's paintings are made of moments and of movements. Gestures that are a life made by the force of the passage of images into forms, areas of colour that intensify before the body, before the eye. The contamination makes Gabriela Machado's work belong to this transit – the brushstroke lives together with the instant and the multiplied character of the real. This way of painting seems to find the place where the body and the world come closer, offering this to the senses of the artist and to the ones that are around her work.

We speak of paintings from, and for, the senses, where living in the world and in the studio, cannot be separated from the body, the one we can't give up – just like the skin – as Jorge Aragão sings. These are paintings *in action*, a living painting that evokes the debates on *action painting*, and Harold Rosenberg's text*2 from 1952, but also phenomenology and the notion of *perceptual consciousness**3, which opposes the *experience* of the world to the *idea* of the world. Gabriela

Largo Hintze Ribeiro 2E-F, 1250 – 122 Lisbon
Portugal +351 210 170 765

3 + 1

fenomenologia e da noção de *consciência perceptiva*³, que opõe a *experiência* do mundo à *ideia* do mundo. Longe de se entregar a uma pintura cerebral, Gabriela Machado pinta de um modo que não pode ser antecipado por estar aberta às circunstâncias do mundo e às circunstâncias da própria pintura.

Pintura-acontecimento

Uma pintura cuja estrutura é capaz de mudar ao longo do tempo é um acontecimento. O grupo de pinturas de pequenas dimensões que podemos encontrar na exposição, incorporam o movimento do mundo – a folia cintilante que fulgura no ar e nas ruas cobertas de brilhos. Fruto da observação e da vivência desse lugar de celebração, os tecidos coloridos e brilhantes que cobrem a pele do Carnaval, migram para a tela. Aí eles coexistem com o óleo das paisagens que encontramos lá no fundo. Tudo acontece ao mesmo tempo.

Se o Carnaval possui um carácter fugaz – a banda não para, e se perder o andamento tem de correr –, o mesmo se pode dizer do mar, outro dos elementos com destaque no trabalho de Gabriela Machado. Algumas destas pinturas reinventam-se – elas são *móveis* –, pois em alguns casos, a estrutura dos trabalhos pode ser alterada e recombina. Não possuindo um corpo fixo, as pinturas são flutuantes, como a luz e as ondas.

Pintura-movimento

“Uma brisa ergue-se; um frémto percorreu as folhas que perderam a sua compacta cor castanha, tornando-se cinzentas ou brancas, quando a árvore se moveu, perdendo a forma de cúpula.” - Virginia Woolf, *As Ondas*⁴

Em *As Ondas*, Virginia Woolf narra a história de um grupo de crianças desde a infância até à idade adulta. Um dos aspectos de relevo na escrita da autora, é a atenção prestada à luz e à passagem do tempo – é a luz que modela o tempo –, e a narrativa é afectada por essa passagem, como uma pintura.

As pinturas de Gabriela Machado tratam qualquer coisa partilhada com Woolf – diria que é a captura de um *instante* –, aquele que podia ser o movimento da árvore, ou o desdobrar de uma onda – um instante da vida do mundo e do corpo que ganham forma na tela.

O potencial *transitório* das pinturas de Gabriela Machado, respeita não apenas a hipótese de fazer uma pintura movimentar-se ao longo do tempo (como sucede nos trabalhos de menores dimensões), mas também a captura do instante para o qual contribui a dinâmica de movimento implicado nas formas que encontramos nas pinturas, em

galeria@3m1arte.com
www.3m1arte.com

Machado does not give in to a cerebral way of painting. She paints in a way that cannot be foreseen, because it is open to what happens in the world and to the circumstances of painting itself.

Event-Painting

The structure of this way of painting is capable of changing over time. This is an event. The group of smaller paintings in the exhibition embody the movement of the world – the sparkling revelry that fills the air and the glowing streets. We find on the canvas the result of the observation and the experience of that place of celebration – the colourful and shiny fabrics that cover the skin of Carnival. There, they coexist with the oil of the landscapes that we find deep in the background. It all happens at the same time.

If the Carnival has a fleeting character – the band doesn't stop, and if you miss the beat you have to run –, the same can be said of the sea, another element that can be highlighted in the work of Gabriela Machado. Some of these paintings reinvent themselves – they are *mobile* –, because in some cases, the structure of the works can be altered and reconfigured. They don't possess a fixed body, the paintings float, like light and waves.

Motion-Painting

“The breeze stirs; the curtain quivers; I see behind the leaves the grave, yet eternally joyous buildings, which seem porous, not gravid; light, though set so immemorally on the ancient turf.” - Virginia Woolf, *The Waves*

In *The Waves*, Virginia Woolf tells the story of a group of children from infancy to adulthood, paying a lot of attention to light and the passage of time – it is light that shapes time, and the narrative is changed by that passage, like a painting.

Gabriela Machado's paintings process something similar to Woolf – I would say it is the capture of an *instant* –, the one that could be the movement of a tree, or the unfolding of a wave – an instant in the life of the world and the body, that take shape in the canvas.

The *transitory* potential of Gabriela Machado's paintings, respects not only the possibility of making a painting move with time (like in the smaller works) but also the capturing of an instant, to which the dynamic movement of the shapes in the paintings also contributes, particularity in the canvasses and drawings of large dimensions. These are paintings that are made in the moment, in the urgency of that moment; while *the event* passes – the event that is the body itself, launched in a fleeting movement that seems to want to grab all the intimacy, that is its nature – even the one that runs inside the skin. Because the world continues, at least for now.

Largo Hintze Ribeiro 2E-F, 1250 – 122 Lisbon
Portugal +351 210 170 765

3 + 1

particular, nas telas e desenhos de grandes dimensões. São pinturas que se *fazem* num momento, nessa urgência do instante; à passagem do *acontecimento* – o acontecimento que é o próprio corpo, lançado num movimento fugaz que parece querer agarrar toda intimidade que lhe é própria – mesmo aquela que corre debaixo da pele. Porque o mundo, por enquanto, continua.

Estamos, assim, perante um jogo de tempos. Um tempo dilatado, nas pinturas que abraçam a pele do Carnaval, e um tempo da ordem do instante, que diz até a respiração da própria tinta, num entrelaçado de cores que parece que dançam e escutam o som que sai da Roda, lá no outro lado da avenida acordada.

Habitar como pintar

Muitas vezes reconhecemos elementos do mundo por de entre as formas e cores de Gabriela Machado. Diria que no seu vocabulário, *habitar* aproxima-se de *pintar*. Os dois verbos são equivalentes, lembrando também que habitar pode ser *ver*, um ver com o corpo inteiro. O corpo que se demora nas coisas, assim como a mão e o braço diante da tela, pondo a descoberto a multiplicidade de hipóteses que o infinitivo nos oferece. Pintar como habitar. *Fazer* como respirar.

1. Canção *Coisa de Pele* (1986). Composição de Jorge Aragão e Acyr Marques.
2. Trata-se do texto “*The American Action Painters*”, no qual Harold Rosenberg faz um diagnóstico daquilo que se passava na pintura no contexto americano pós-guerra. Rosenberg sublinha que a tela passou a ser um suporte para agir, escrevendo “What was to go on the canvas was not a picture but an event.”, Harold Rosenberg, *The American Action Painters*, Artnews, Vol.01, 1952, p.22
3. Encontramos esta noção na obra de Maurice Merleau-Ponty, autor que repensa o conceito de *intencionalidade* sugerido por Edmund Husserl. Merleau-Ponty propõe uma noção de *consciência* dirigida ao mundo, incluindo o mundo na definição de *ser*, ao invés de uma noção de consciência que permanece refém de imagens mentais e representações abstractas: “No que concerne à consciência, temos que concebê-la não mais como uma consciência constituinte e como um puro ser-para-si, mas como uma consciência preceptiva, como sujeito de um comportamento, como ser-no-mundo ou existência...”, Maurice Merleau-Ponty, *A Fenomenologia da Percepção*, 2a ed., Trad., Carlos Alberto Ribeiro Moura, São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 404
4. Virginia Woolf, *As Ondas*, Trad., Francisco Vale, Lisboa: Relógio D’Água, 2015, p. 148

Thus, we are before a juggling of different types of times. A dilated time, in the paintings that embrace the skin of the carnival, and a time of the instant, that speaks even to the pulsation of the paint itself, in an intertwining of colours that seem to dance and listen to the sound of the *Circle*, there on the other side of the awoken avenue.

To inhabit is to paint, to paint is to inhabit

Many times we recognize elements of the world among the shapes and colours of Gabriela Machado. I would say that in her vocabulary, *to inhabit* is close to *to paint*. The two verbs are equivalent, remind us that inhabiting can also be *to see*, seeing with the whole body. The body that lingers over things, as well as the hand and the arm in front of the canvas, uncovering the many hypotheses that the infinitive gives us. To inhabit is to paint, to paint is to inhabit. *To make* is to breathe.

Rita Anuar
Lisboa, 18 de Junho, 2022

1. Song *Coisa de Pele* (1986). Composed by Jorge Aragão and Acyr Marques.
2. “*The American Action Painters*”, a text in which Harold Rosenberg analyses post war painting in the US. Rosenberg underlines that the canvas became a medium for action: “What was to go on the canvas was not a picture but an event.”, Harold Rosenberg, Artnews, Vol.01, 1952, p.22
3. Maurice Merleau-Ponty rethinks the concept of intentionality suggested by Edmund Husserl. Merleau-Ponty proposes a definition of conscience directed at the world, including the world in the definition of being, instead of the notion of conscience that remains hostage of mental images and abstract representations: “As for consciousness, it has to be conceived, no longer as a constituting consciousness and, as it were, a pure being-for-itself, but as a perceptual consciousness, as the subject of a pattern of behaviour, as being-in-the-world or existence,” Maurice Merleau-Ponty, *Phenomenology of Perception*, translated by Colin Smith, Routledge Classics